



Paço das Escolas

Universidade de Coimbra - Alta e Sofia

Apresentação do Bem [2024]

Conteúdos:

Introdução

Atributos

Critérios

História do Bem

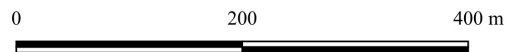
Zona Inscrita: a Alta

Zona Inscrita: a Rua da Sofia





Zona de Proteção

Património Imaterial





SISTEMA DE COORDENADAS RETANGULARES
ETRS89/PT-TM06

-  Universidade de Coimbra - Alta e Sofia
-  Zona de Proteção Especial| Universidade de Coimbra - Alta e Sofia
- Património classificado:
-  Alta
-  Sofia



Mapa da cidade de Coimbra, de José Cecílio da Costa, 1893.

Como a própria designação indica, o Bem compreende duas áreas distintas, a Rua da Sofia, na parte baixa da cidade, a norte, e a Alta Universitária, instalada no topo da colina onde o núcleo urbano teve origem. Embora muito próximas, as duas áreas são fisicamente autónomas, contabilizando, em conjunto, 36,2 hectares, dos quais 29,7 correspondem à Alta e 6,5 à Sofia. A envolver estas áreas estende-se a zona de proteção com 80,8 hectares. O total da área do Bem perfaz 117 hectares. Estes valores não correspondem ao que foi candidatado e inscrito em 2013 pela inclusão, em Julho de 2019, do Museu Nacional de Machado de Castro na área da Alta.

A definição das áreas Alta e Sofia, bem como da zona de proteção, teve por base a própria história da instituição universitária, em função das suas fases de instalação, expansão, consolidação, retração e reestruturação, em estreita ligação com o exercício do poder político do Estado. Inevitavelmente, todas as referidas fases têm correspondência direta nos domínios ideológico cultural e material, com expressão física no património edificado e na organização urbana de Coimbra, tanto quanto na construção de tradições culturais e identitárias.

Torre da Universidade (Paço das Escolas)



O Bem é detentor de uma série de atributos excepcionais, que, em conjunto, expressam a importância de uma instituição cuja influência e simbolismo ultrapassam as fronteiras locais, regionais e nacionais, para adquirir uma verdadeira dimensão universal.



Rua da Sofia

1. Primeiro polo universitário através de uma operação de expansão urbanística

A reforma universitária de D. João III, e consequente transferência definitiva da instituição para Coimbra, levou ao desenvolvimento de um polo escolar de modo a comportar o grande afluxo estudantil e a promover uma contínua concessão de graus académicos.

A Rua da Sofia constitui um expoente urbanístico da época e modelo de vanguarda europeu. Foi planeada como um novo eixo estruturante de crescimento urbano no limite da cidade e com um programa específico – o universitário.

2. Modelo de novos tipos arquitetónicos

A Universidade de Coimbra, através da rede colegial construída desde o século XVI, foi palco de várias experiências arquitetónicas que se constituíram como novos modelos tipológicos ao nível estético, artístico e programático. São disso exemplo a igreja e o claustro do Colégio da Graça ou o claustro do Colégio de S. Jerónimo.

Colégio de São Jerónimo





Paço das Escolas

© Paulo Amaral

3. A universidade que ocupa um palácio

O núcleo mais antigo da Universidade de Coimbra está localizado no conjunto do Paço das Escolas e corresponde essencialmente à mais antiga morada régia do país, o antigo Paço Real de Coimbra.

A sua ininterrupta utilização, anterior em cinco séculos à instalação da Universidade, com uma contínua consolidação e evolução construtiva, convertem-no num edifício ímpar e absolutamente original no contexto da arquitetura universitária europeia.



Biblioteca Joanina
© Paulo Mendes

4. A excecionalidade da Biblioteca Joanina

Fundada como livraria de estudo e reservada ao serviço da comunidade universitária, assume-se como uma das mais deslumbrantes bibliotecas do mundo, contribuindo para tal, quer a sua forma e riqueza decorativa, quer o seu valioso fundo bibliográfico composto por cerca de duzentos mil volumes, datados entre os séculos XVI a XVIII, e que ainda hoje podem ser consultados.

5. Exemplo das reformas universitárias nos campos ideológicos, pedagógicos e materiais

Durante a sua história de mais de setecentos anos, a Universidade de Coimbra sofreu várias reformas com correspondências em vários domínios do conhecimento e do ensino, materialmente registadas no seu património construído: da reforma joanina à reforma pombalina, da ação promovida pelo Estado Novo à democratização do ensino e consequente expansão das instalações.

Laboratório Chimico





Cortejo Académico (século XIX)

6. Universidade de tradições académicas seculares

A Universidade de Coimbra mantém vivo um conjunto de tradições características das práticas simbólicas associadas às festividades cíclicas académicas, cujas origens se perdem nos seus sete séculos de história: desde a cultura académica institucionalizada (doutoramentos Honoris Causa, Abertura Solene das Aulas, etc.) às manifestações mais espontâneas, como o cortejo da Latada.

7. Detentora de um importante acervo nas áreas das ciências e de património biológico

São várias as coleções de objetos e espécimes científicos propriedade da Universidade de Coimbra, reunidos sobretudo desde o século XVIII, cuja importância extravasa a relevância nacional, pela sua enorme variedade e quantidade de objetos originais. Salientam-se as coleções de História Natural, Física e Astronomia. Interligado com estes objetos científicos encontra-se também o vasto património biológico presente no Jardim Botânico.





Biblioteca Joanina
© Coleção Alexandre Ramires

8. Universidade da consolidação, difusão e expansão da língua

Enquanto sede da única universidade portuguesa até 1911, Coimbra tornou-se, ao longo dos séculos, um importante polo cultural, tendo a norma culta desta cidade exercido grande impacto no saber linguístico dos estudantes, os quais acabariam por influenciar os povos de outros espaços geográficos. Fundamental ainda, a passagem pela instituição de importantes nomes da literatura nacional.

9. Modelo de integração do património arqueológico e arquitetónico

No âmbito das intervenções levadas a cabo nos últimos anos, a atividade arqueológica tem permitido identificar e resgatar uma série de objetos e de estruturas arquitetónicas que aprofundam o conhecimento da história e da evolução material da Universidade de Coimbra comprovando, por vezes, indícios documentados, quer pelas fontes escritas, quer pelas fontes cartográficas.

Colégio da Santíssima Trindade





10. Modelo de recuperação do património histórico-artístico

A intervenção no património da Universidade de Coimbra tem sido pautada por ações que respeitam os conceitos, métodos, técnicas e práticas de reabilitação arquitetónica vigentes em cada época. Tem em vista o desenvolvimento de propostas que corrijam e equilibrem o património em toda a área inscrita, promovendo-o como fator de desenvolvimento económico e social, com respeito pelo ambiente, pelas pessoas, pela sua cultura e organização social, bem como pelas suas diferenças.



Sala dos Capelos (Paço das Escolas)

É com base nestes atributos que a UNESCO reconhece a correspondência a três dos seis critérios que justificam a inscrição de um Bem na *World Heritage List*:

Critério II *“Testemunhar uma troca de influências consideráveis durante um dado período ou numa área cultural determinada, sobre o desenvolvimento da arquitetura, ou da tecnologia, das artes monumentais, da planificação das cidades ou da criação de paisagens”*



Vista aérea da cidade de Coimbra

Ao longo dos seus sete séculos de história, desempenhando um papel absolutamente indiscutível de centro de produção e transmissão do saber numa área geográfica que abrange quatro continentes, a Universidade protagonizou, durante este tempo longo mas sobretudo a partir da sua definitiva instalação na cidade de Coimbra, as influências culturais, artísticas e ideológicas de todo este mundo criado pela expansão marítima portuguesa, recebendo e difundindo conhecimento nas áreas das artes, das ciências, do direito, da arquitetura, do urbanismo e da paisagem.

Critério IV *“Oferecer um exemplo excecional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem ilustrando um ou vários períodos significativos da história humana”.*

A Universidade de Coimbra - Alta e Sofia é um conjunto arquitetónico notável, simultaneamente ilustrativo das diversas funções da instituição universitária, dos vários períodos significativos da história da arquitetura, da arte portuguesa e do espaço geográfico e cultural português. A sua história está intimamente relacionada com as reformas nos campos ideológicos, pedagógicos e culturais, com correspondências diretas ao nível material. Através do seu conjunto, a Universidade de Coimbra representa e é resultado da agregação de uma longa génese cultural, sempre presente e ativa.

Paço das Escolas



Sé Nova



Faculdade de Letras



Critério VI *“Estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, a crenças, ou a obras artísticas e literárias com um significado universal excecional”*



A Universidade de Coimbra - Alta e Sofia desempenhou um papel único na constituição e unidade da língua portuguesa, expandindo a norma culta da língua e consagrando-se como importante oficina literária e centro difusor de novas ideias. Sendo a única Universidade em todo o espaço geográfico de administração portuguesa até 1911, a sua ação estendeu-se na formação dos profissionais que seguiam para o espaço geográfico de administração portuguesa, quer continental e insular, quer nos antigos territórios ultramarinos até às suas respetivas independências, formando as elites e os movimentos de resistência e contestação ao poder. A vinda de muitos estudantes de vários países, sobretudo lusófonos, para a Universidade, faz com que a sua universalidade esteja bem presente, ainda hoje, nos quatro cantos do mundo, influenciando e deixando-se influenciar.



O Bem

A definição das áreas inscritas (Alta e Sofia) e da zona de proteção teve por base a própria história da instituição universitária, em estreita conjugação com a realidade atual do território, em função das suas fases de instalação, expansão, consolidação, retração, reestruturação e reorganização, fases essas com correspondência direta nos domínios ideológicos, pedagógicos, culturais e físicos.

A inscrição do Bem, embora assente na materialidade física, compreendeu também uma importante vertente imaterial. Ambas expressam a relevância de uma instituição que, pela sua influência e simbolismo, tem uma dimensão universal.

A fundação (século XIV)

Em 1290 o rei D. Dinis fundava a primeira Universidade Portuguesa, ou “Estudos Gerais”, como o documento fundacional a designa. Primeiramente sediada em Lisboa, seria transferida logo em 1308 para Coimbra, cidade que, de menor dimensão e maior tranquilidade, tinha também a seu favor ter sido a primeira “capital” do reino e contar com a presença do Mosteiro de Santa Cruz, um dos mais importantes polos culturais à época. Mas o movimento da Universidade entre as duas cidades continuaria no decorrer da Idade Média: em Coimbra até 1338, na Alta junto ao Paço, em Lisboa desde essa data até 1354 e, novamente, em Coimbra até 1377, desta vez na parte baixa da cidade.

Praça D. Dinis (século XX)



O estabelecimento definitivo (Séculos XVI e XVII)

Só em 1537 a Universidade se estabeleceria definitivamente em Coimbra, ao mesmo tempo que sofria uma ampla reforma interna. Para receber os muitos estudantes e dispor dos necessários espaços letivos expandiu-se a cidade para norte, rasgando-se uma rua nova, invulgarmente extensa, larga e retilínea, sugestivamente designada por Sofia, palavra grega para sabedoria. Foi pensada para um programa específico — o Ensino — recebendo, do lado nascente, os colégios destinados aos estudantes, maioritariamente ligados às Ordens Religiosas, e, do lado poente, casas para professores e funcionários. As aulas decorreriam nos colégios ligados ao vizinho Mosteiro de Santa Cruz, motor da reforma em curso.



Esquema urbano da Rua da Sofia e seus Colégios Universitários

© Walter Rossa

O estabelecimento definitivo (Séculos XVI e XVII)

Vicissitudes várias, todavia, com destaque para a falta de espaço face à muita procura dos estudantes que a queriam frequentar, levaram o monarca a emprestar o recém remodelado Paço Real que, a partir de então, se tornaria na principal morada da instituição universitária, definitivamente adquirido à coroa em 1597. Envolvendo este núcleo principal foram sendo construídos muitos outros colégios — Jesus, Artes, S. Jerónimo, S. Bento, S. Pedro, S. Paulo, Santa Rita, Santíssima Trindade — transformando o tecido urbano e conferindo à cidade uma dinâmica construtiva e uma atualização artística particularmente intensas. Entretanto, o Paço adaptava-se às novas funções académicas, transformando os espaços e erguendo estruturas novas não só uteis, como de grande simbolismo para a instituição académica: é o caso da Porta Férrea e da Sala Grande dos Atos, ambas do século XVII.

Paço das Escolas

© João Armando Ribeiro



O Período Joanino (Século XVIII)

No século XVIII, os colégios, conjuntos arquitetónicos por vezes de grande dimensão que associavam características conventuais e residenciais, seriam já cerca de 25.

Ao mesmo tempo, durante o reinado de D. João V (1707-1750), a sede universitária seria provida de importantes equipamentos: são construídas a Casa da Livraria, hoje conhecida como Biblioteca Joanina, e uma nova torre, cujo relógio e sinos regulavam o tempo estudantil, dotada no terraço superior de um observatório astronómico. Ambas decorrem da vontade em promover a atualização cultural e científica e do acolhimento de ideias iluministas.





Retrato de Sebastião José de Carvalho e Melo (Sala do Senado, Paço das Escolas)

A reforma pombalina (Século XVIII)

A oposição aos programas e práticas pedagógicas de uma das mais importantes e educacionais ordens religiosas e as novas correntes iluministas levaram à expulsão e extinção, em 1759, da Companhia de Jesus. Em 1772, no reinado de D. José I e essencialmente pela mão de Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, a Universidade foi alvo de uma profunda reforma. Para instituir os novos saberes e um ensino modernizado, de cunho racional e carácter experimental, instituíram-se novos estatutos, substituíram-se professores e compêndios, criaram-se duas novas Faculdades e construíram-se novos estabelecimentos dotados dos mais modernos equipamentos científicos. São disso exemplo o Laboratório Chimico, o Observatório Astronómico, o Museu de História Natural ou o Jardim Botânico.



Antiga igreja do convento de São Domingos, Rua da Sofia

A extinção das ordens religiosas (Século XIX)

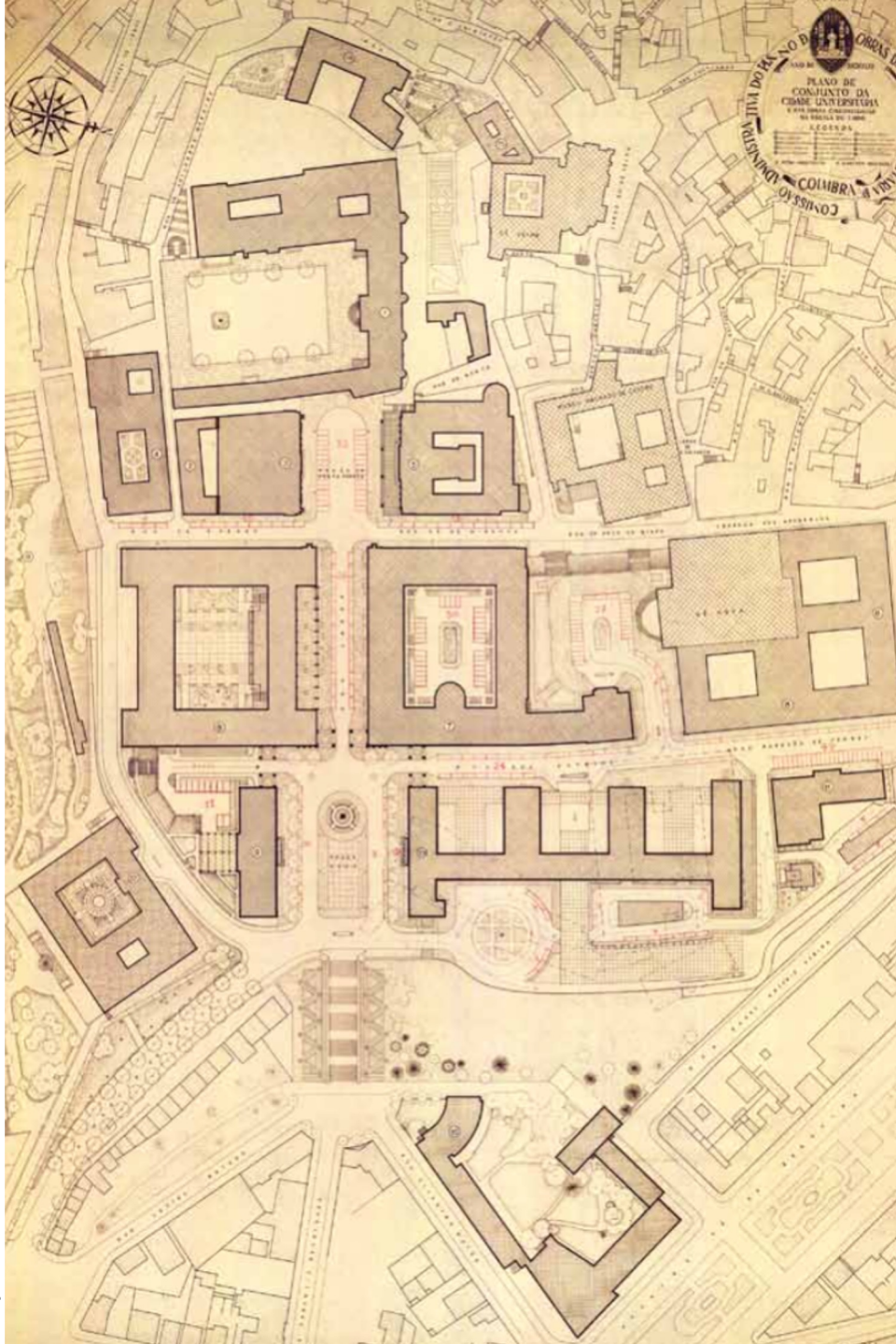
A extinção das ordens religiosas, em 1834, acarretou o encerramento de conventos, mosteiros e colégios. Nas décadas seguintes, todo um vastíssimo património seria alienado, ora incorporado na Fazenda do Estado, ora vendido em hasta pública. Simultaneamente, aboliu-se a jurisdição universitária privativa, o foro académico e a autonomia financeira. Iniciou-se o processo de laicização da Universidade e, com ele, a emergência dos movimentos de associativismo e sociabilização estudantil.

A Alta Universitária (Século XX)

O regime republicano promoveu algumas medidas reformadoras, sobretudo ao nível do ensino. Foi, contudo, já no período do Estado Novo que a Universidade foi, de novo, alvo de uma profunda reestruturação. Entre 1943 e 1974, ergueu-se toda uma nova Cidade Universitária, monumental e classicista, concentrada e monofuncional, o que implicou uma grande alteração urbanística e o sacrifício de uma significativa parte da velha Alta da cidade, com a transferência da população residente para bairros periféricos.

Com o final do século, marcado pela massificação do ensino universitário, a Alta revelou-se incapaz de continuar a aglutinar a Universidade em toda a sua extensão: não só o hospital universitário seria transferido, como se ergueriam novos polos.

Projeto da Alta Universitária (século XX)





Atualidade (Século XXI)

Hoje, reforçada a descentralização das instalações universitárias com a construção dos Polos II e III, a Universidade procura soluções para a vivificação da Alta Universitária, reorganizando espaços e equipamentos, construindo novos edifícios, introduzindo novos programas não exclusivamente universitários e requalificando a sua imagem patrimonial. Ao mesmo tempo, regressa à Rua da Sofia, ao seu “Polo Zero”.



Zonas Inscritas: a Alta

A Alta é particularmente rica em história, palco de sucessivas ocupações e apropriações, e sempre o local procurado para a representação do poder.

A prová-lo os muitos vestígios arqueológicos e a concentração de edifícios monumentais, fruto de múltiplos movimentos artísticos e das fases de expansão e reforma sofridas pela instituição.

Do núcleo do Paço das Escolas aos diversos colégios ligados ao ensino, das estruturas nascidas na Reforma Pombalina à construção da Cidade Universitária pelo Estado Novo constituem, hoje, os aspetos mais marcantes deste território.



Igreja do antigo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

Zonas Inscritas: a Rua da Sofia

No século XVI, ganha relevo a construção de um núcleo inteiramente dedicado ao ensino e alojamento dos estudantes nas imediações do Mosteiro de Santa Cruz. A abertura da rua da Sofia constituiu-se como uma experiência excecional por intermédio de uma expansão controlada e, sobretudo, destinada a um programa específico: o ensino.

Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, a rua da Sofia esvazia-se das suas funções primitivas, tendo a Universidade ficado circunscrita à Alta da cidade. Atualmente, a Universidade e a Cidade pretendem revitalizar a área, consolidando por exemplo a estratégia de retorno da função estudantil, já conseguida no Colégio da Graça, entretanto intervencionado.

Nesta zona, destacam-se os colégios do Espírito Santo, do Carmo, da Graça, de S. Pedro dos Terceiros, de S. Boaventura, de S. Tomás e o Colégio das Artes. É de fundamental importância o Mosteiro de Santa Cruz, pela ligação que teve aos destinos da Universidade.



Zona de Proteção

Vista aérea da Cidade de Coimbra com a Zona de Proteção demarcada

A zona de proteção é uma área heterogénea. A Alta, a Baixinha, as áreas envolventes da Avenida Sá da Bandeira, da Praça da República, da Avenida Emídio Navarro, possuem características distintas, que importa preservar enquanto património identitário da cidade. Sendo áreas envolventes da zona inscrita, têm um papel preponderante na manutenção das suas características, e são delas indissociáveis conquanto a cidade e a universidade se (con)fundem.

Nesse sentido, tem sido desenvolvido um grande esforço para o reforço de um novo paradigma na forma de olhar e intervir nesta área sensível do território urbano. Desde 2004, vêm sendo desenvolvidas estratégias para intervenção nesta área. É deste trabalho que nasce o “Regulamento Municipal de Edificação, Recuperação e Reconversão Urbanística da Área afeta à candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da UNESCO, incluindo a zona de proteção”, publicado em Diário da República no início do ano de 2012.



Doutoramento Honoris Causa

Património imaterial: festas académicas e cerimónias institucionais

A Universidade incorpora um conjunto de tradições características das práticas simbólicas associadas às festas académicas, de origem remota, como a Festa das Latas ou Latada, no início do ano letivo e a Queima das Fitas, assinalando o final do ano e/ou do curso. Paralelamente a esta cultura estudantil, destacam-se as cerimónias de Tomada de Posse do Reitor, Abertura Solene das Aulas, Doutoramentos Honoris Causa, todas elas na Sala dos Capelos, com Cortejos Académicos realizados a partir da Biblioteca Joanina, trajando os professores o hábito talar com as respetivas insígnias e cores.

Património Imaterial: a Canção de Coimbra e a Língua Portuguesa

Destacam-se no património intangível as Serenatas e a Canção de Coimbra, género musical singular, cujos principais intervenientes são estudantes e antigos estudantes. De cariz erudito, mas sem perder as suas raízes populares regionais e locais, tem na oralidade a sua principal forma de transmissão.

Ao nível científico e cultural a Universidade de Coimbra tem uma importância determinante na formação e consolidação da língua portuguesa, expandindo a norma culta da língua e influenciando o saber linguístico ao longo de séculos. A este respeito lembre-se a passagem de escritores como Camões, Almeida Garrett, Antero de Quental e Miguel Torga, de cantores como Zeca Afonso e políticos como António de Oliveira Salazar.

Serenata da Queima das Fitas, 2024



Património imaterial: as Repúblicas

As várias repúblicas universitárias, com origens seculares, só no século XIX, provavelmente em consequência do encerramento dos colégios, ganham configuração próxima da atual. Constituem um dos aspetos mais característicos da vivência da comunidade estudantil, ao compartilharem um espaço, ideais de cultura, conhecimento científico e camaradagem, numa das tradições mais marcantes da Universidade de Coimbra.



República universitária Prá-kys-tão